

TROPICALITÉ – Géographie physique intertropicale

O Professor Emérito da Universidade de Paris X (Nanterre) J. DEMANGEOT de há muito que nos habituou a esperar de cada livro seu um trabalho de Mestre, pelo rigor da investigação, clareza de espírito, elegância de linguagem. A sua mais recente obra, *Tropicalité – Géographie Physique Intertropical* (340 páginas, 57 quadros, 109 figuras, 48 fotografias), vinda a público em Abril de 1999, sob a égide de Armand Colin, Paris, não só não nos desilude, como reforça os seus créditos. A obra é baseada num profundo conhecimento pessoal de uma quinzena de regiões tropicais, do Brasil ao Camboja, passando pela África e pela Índia, estudos realizados ao longo de trinta anos. Além de estes estudos de terreno, o Professor DEMANGEOT aceitou um convite da Universidade Federal do Rio de Janeiro e aí leccionou durante dois anos, tempo que lhe permitiu realizar e desenvolver pesquisas da sua especialidade e cujos resultados largamente tem usado nos seus trabalhos. Esta longa experiência pessoal, contudo, não o inibiu de compulsar extensa e actualizadíssima bibliografia internacional – a par, naturalmente com obras antigas, mas de fundo – que totalizaram milhar e meio de trabalhos, embora no livro, por imposições alheias à sua vontade tivessem sido reduzidas a pouco mais de um quinto...

Não admira, assim, que o tema agora apresentado, desenvolvido sob um esquema muito lógico e aparentemente simples, seja, simultaneamente, uma obra clássica e original.

Clássica, porque contém todos os ingredientes necessários ao estudo da Geografia Física das Regiões Tropicais, desde a marca primordial do clima (cuja distinção se baseia mais nas diferenças de pluviometria do que na temperatura – porque esta tem uma regularidade muito grande ao longo do tempo – e, por isso, é a pedra de toque da climatologia tropical), seus mecanismos e tipologias actuais, regimes hidrológicos, pedologia, biogeografia, em que faz ressaltar a constância de uma flora e de uma fauna... e dos climas sempre quentes (embo-

ra mais ou menos quentes ou húmidos) ao longo de uma história geo-climática ininterrupta de, pelo menos, 80 milhões de anos... e à qual o autor atribue, demonstrando cientificamente, a especificidade desta importante área do globo (25 % da superfície terrestre emersa).

Original, porque o estudo dos meios – de floresta, de estepes e savanas, de montanha ou aquáticos – de capital importância para os geógrafos (entre tantos outros especialistas do saber) pouco se encontra, pelo menos com a profundidade e detalhe que atingem neste estudo, em obras de carácter eminentemente didáctico, como me parece ser, acima de tudo, a intenção do trabalho agora apresentado; mas mais: a originalidade deste estudo fica ainda marcada pela introdução de temas que, sendo de sempre, tomam, no nosso tempo, cada vez maior acuidade, como o aspecto dos riscos naturais – telúricos, climáticos, biológicos – e o factor antrópico que, sendo primordial, raramente é contemplado com a mesma relevância, em estudos similares.

Vejamos alguns aspectos com mais pormenor.

“Dado que a água assegura a vida da biosfera e é o factor essencial da erosão litológica”, necessário se torna focar a respectiva importância: retomam-se noções de base, estudam-se os diversos tipos de precipitação, os balanços hídricos, os mecanismos da evaporação e a relação chuva-evaporação, a drenagem em relação ao tipo de solo em que a água se escoia; a influência da água profunda acumulada nos solos “excepcionalmente espessos e permeáveis”, devido às enormes acumulações de alterites (que não raras vezes atingem largas dezenas de metros e são dominadas por rijas crostas, as famosas carapaças lateríticas, por exemplo), herança de um longo passado de estabilidade geo-climática, parte integrante da tropicalidade; mas, a pouco e pouco, a “criptotopografia” (formas topográficas antigas, estagnadas sob a espessura dos mantos de alterites) vai sendo “desenterrada”, ficando à vista formas estranhas, umas vezes de topos suaves, como as meias-laranjas, e outras vezes vigorosas, como os páis-de-açúcar... o que não exclue outras formas de relevo, telúricas umas, como os vulcões, outras provocadas por organismos vivos, em particular as termitas, cujos “pequenos” relevos se podem elevar até uma dezena de metros, duros como cimento e que não deixam de constituir formas bizarras aos olhos de europeus, e que “devem ser (e são) consideradas como parte integrante da especificidade tropical”.

J. DEMANGEOT dá uma grande importância ao estudo das florestas e dos meios florestais, pois são elas que ainda regulam a biocenose, modificam a hidrologia e, indirectamente, a topografia; além disso, nelas habita uma fauna abundante e muito variada que, para além de constituir parte integrante deste ecossistema, desempenha papel importante na vida das populações; por tudo isto, o seu recuo, que se vem acelerando em várias áreas, através de processos “modernos, verdadeiramente selvagens... porque o bulldozer retira não só troncos e raízes, mas também o magro horizonte húmido”, é “muito preocupante”.

E que dizer das savanas, que formam quase metade da superfície tropical emersa e cuja origem tem feito correr tantos rios de tinta? Serão só primárias, isto é, de origem climática ou edáfica? Serão só secundárias ou seja, forjadas pelo homem especialmente através de queimadas sucessivas, mais e mais para angariar comida para os gados, ainda hoje base de vida de tantos povos? E porque não poligénicas? É esta a explicação para que se inclina o autor, depois de longas e bem tecidas considerações sobre a origem dos diversos tipos de savanas e da sua importante utilização na vida das populações.

Um outro meio preocupa o autor e ocupa largamente este estudo: o meio da montanha tropical, que, face à altitude, introduz a noção de escalonamento bioclimático, enquanto as vertentes induzem a de alto “potencial de erosão”, ambos, factores que se refletem na vida dos homens – através do tipo de clima e de terra onde cultivar, no tipo de construção onde se possam abrigar, na circulação que tenham que desenvolver para a sua vida social e económica, sem esquecer o importante papel de refúgio que a montanha tem desempenhado ao longo do tempo.

Meios aquáticos, de águas correntes ou estagnadas, com suas características, perfis, erosão, modalidades de drenagem, formas de evaporação, fauna e cadeias tróficas são igualmente tratadas, antes de passar ao estudo das ilhas e margens marítimas. Aqui se estudam os processos (mecânicos, físico-químicos, biológicos...) de regularização do litoral, a tipologia das costas, a biodiversidade reduzida das ilhas e os seus endemismos, não esquecendo, naturalmente, a importância do homem e dos perigos da antropofização contemporânea, entre os quais destaca “o demasiado alargamento da urbanização”, centrado principalmente nos litorais que, pela sua beleza, representam uma fortíssima atracção turística; e esta acrescenta novos problemas ao primeiro, o do

retrocesso das terras de cultivo a favor da construção imobiliária: a falta de água doce e a superabundância dos lixos domésticos. Mas não só, porque a destruição de corais (para pavimentação de estradas e para abastecer fábricas de cimento e de fosfatos) e de mangal (para madeira, como a autora destas linhas tantas vezes viu na Guiné-Bissau, na Índia ou no Timor-Leste) são causas humanas que se juntam aos riscos naturais, sejam eles de origem telúrica (vulcões, sismos, tsunamis, a eles frequentemente associados), climática (quer sejam ciclones acompanhados por chuvas diluviais e trovoadas violentas, tantas vezes em simultâneo, quer períodos de seca intensos e prolongados, com seus cortejos de animais predadores, gafanhotos e outros) ou biológica (riscos alimentares marcados pela monotonia das dietas, por carências de minerais e de vitaminas – e aqui J. DEMANGEOT não esquece P. GOUROU quando, já há várias décadas, denunciava “a civilização do arroz ou do milho, com suas virtudes e defeitos”... Também as doenças especificamente tropicais, pela primeira vez numa obra de geografia física, não são esquecidas, nem o seu papel nas sociedades, não só tropicais como de outras latitudes, pois recordam-se, no estudo, epidemias, comprovadamente aí originárias: de peste, de lepra, de sífilis e, infelizmente, talvez também o SIDA (se se confirmar a atribuição da sua origem a certos macacos africanos), o flagelo deste fim de século... A gravidade destes numerosos riscos “depende da capacidade de resistência e de organização das populações” rurais, porquanto na grande maioria das cidades eles já estão ultrapassados ou em vias de o ser...

Eis um quadro da TROPICALIDADE, criado meticulosamente pelo autor, a partir da sua teoria segundo a qual a originalidade das regiões tropicais se deve ao longuíssimo tempo de emersão das plataformas sob clima quente e húmido (80 a 100 milhões de anos), cuja prova geológica foi “trazida recentemente por TARDY e ROQUIN”, pedólogos especialistas da laterite. Mas, embora o subtítulo – Geografia Física Intertropical – nos levasse a pensar tratar-se apenas (e já não era pouco) de um estudo “puro” de Geografia Física, o autor extravasa, sempre que a propósito, para um ou outro precioso reflexo no Homem, o que torna o trabalho ainda mais aliciante, apesar de, com frequência, a sua leitura não ser fácil; mas é, indiscutivelmente, sempre muito proveitosa e compensador o esforço de aplicação.

Raquel Soeiro de Brito